

UM AUTOR POLÍGRAFO. UM MANUAL INSÓLITO. RAUL BRIQUET E *HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO EDUCACIONAL*¹

A polygraphic author. An unusual manual, Raul Briquet and the “History of Education, the evolution of educational thought”

Carlos Monarcha²

RESUMO

Estudo das circunstâncias de produção de *História da educação: evolução do pensamento educacional*, manual de ensino publicado por Raul Briquet em 1946, professor da cadeira Educação Nacional do curso de Sociologia e Política da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.

Palavras-chave: Raul Briquet; evolução do pensamento educacional; manual de ensino.

ABSTRACT

This is a study on the circumstances of production of the book *História da educação: evolução do pensamento educacional*, a teaching manual published by Raul Briquet in 1946, professor of National Education in the sociology and politics course, at the Free School of Sociology and Politics of São Paulo.

Keywords: Raul Briquet; evolution of educational thinking; teaching manual.

Esboço de figura

Generoso senão empático, o esboço de figura traçado por Fernando de Azevedo quer fazer jus à pessoa evocada, no caso Raul Briquet.

É, como se sabe, médico de vasta clientela e professor acatado na Faculdade de Medicina de São Paulo, em que tem sido um exemplo pela regularidade constante, pela atividade infatigável, mas serena, quase germânica, no exercício de sua profissão. Mas todo esse interesse pelo ramo em que se especializou com notoriedade, não lhe arrefeceu o gosto pela cultura geral, nem lhe inflectiu, em ponto algum, o rigor de seu método de estudos. Espírito aberto e sensível ao prazer literário, até na palestra, naquele olhar calmo e vigilante dos que também aprenderam a fina arte de ouvir, se revela uma viva curiosidade intelectual, sempre empenhada em ver iluminarem-se, de um jato de luz, as pequenas zonas de sombras de seus conhecimentos (Azevedo, 1938, p. 385).

¹ Expresso agradecimentos aos funcionários do Núcleo de Documentação (NUDOC) da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

² Doutor em Educação: História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Titular no Departamento de Ciências da Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – *campus* de Araraquara. E-mail: carlos.monarcha@gmail.com

Paulista nascido na cidade de Limeira, Raul Carlos Briquet (1887-1953), filho de Edouard L. Briquet, de naturalidade francesa, e Rosa Ana Constança Baumgart (Briquet), de ascendência alemã, diplomou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1911, onde apresentou a tese *Da psicofisiologia e patologias musicais* (Tipografia Modelo, 1911).

Em 1925, mediante concurso, assume a cátedra de Clínica Obstétrica e Puericultura Neonatal da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo; dois anos depois, com Franco da Rocha, Durval Bellegard Marcondes e Manoel Bergström Lourenço Filho, funda a Sociedade Brasileira de Psicanálise (de São Paulo). Em vida ingressa em renomados sodalícios: membro emérito da Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, Sociedade Paulista de Medicina, Sociedade Paulista de História da Medicina, Colégio Brasileiro de Cirurgiões e Academia Paulista de Letras.

Homem de ciência, publicou, entre outros, *Elementos de enfermagem* (Nacional, 1931), *Obstetrícia operatória* (Nacional, 1932), *Obstetrícia normal* (Freitas Bastos, 1939), *Lições de anesthesiologia* (Atlas, 1944), *Patologia da gestação* (Renascença, 1948).

Ao lado da parte dominante de sua obra, isto é, a medicina, na pele de *scholar* Briquet cultivou as humanidades – história da educação, filosofia, sociologia, psicologia, psicanálise. É de sua lavra *Tendências da sociologia contemporânea* (Tipografia Comercial, 1933), *Psicologia social* (Francisco Alves, 1935), *História da educação: evolução do pensamento educacional* (Renascença, 1946), a tradução de *Da psicanálise: breve introdução ao seu estudo*, de Ernest Jones (Nacional, 1930) e *Palestras e conferências* (Atlas, 1944), reunião de conferências sobre arte, educação, psicologia, medicina, sociologia, título agraciado com o prêmio Carlos Laet da Academia Brasileira de Letras.³

No âmbito dos debates quanto aos rumos futuros da educação pública, instado por Fernando de Azevedo participou do inquérito de 1926, patrocinado pelo O Estado de S. Paulo. Juntamente com Theodoro Ramos, Reinaldo Porchat e Arthur Neiva, examinava severamente a situação do ensino secundário e superior na República; a seu ver a prioridade consistiria na formação de elites intelectuais em estabelecimentos de ensino orientados pela pesquisa científica e cultura desinteressada a fim de promover o progresso do saber humano. Possuído pelo espírito de reforma, respondia a um dos quesitos formulados por Fernando de Azevedo a respeito dos problemas capitais nas democracias modernas:

1 — Qual, a seu ver, a causa fundamental do insucesso quase completo das repetidas reformas que têm reorganizado o ensino secundário e superior da República, sem conseguirem fazer do ensino um verdadeiro aparelho de educação integrado no ambiente nacional e um instrumento posto a serviço da cultura do país?

— A causa está, provavelmente, na inobservância do verdadeiro objetivo do ensino. Com efeito, ao exame das reformas verificadas de 20 anos a esta parte, revela-se a ausência da finalidade educativa essencial à humanização do indivíduo, isto é, a torná-lo feliz e útil à humanidade, através da sociedade em que vive.

Ora, a formação do cidadão ideal só se alcança dentro de um programa em que o ensino abranja a criação da mentalidade e do caráter pelo estudo da filiação assim

³ Arrolamento escrupuloso da obra escrita de Briquet encontra-se em Melo (1954), Menezes (1978), Krüger (2001) e Bomfim (2002).

histórica como lógica das ciências, das culminantes manifestações da arte, e pela assimilação dos exemplos de energia e continuidade deixados pelos grandes vultos da história.

Acresce o fato de que no ensino primário, onde prevalece a aquisição de noções concretas, e pois o desenvolvimento eminentemente sensorial pela contemplação ambiente, não colhe o aluno suficiente material com o qual cultive mais tarde, no curso secundário, a reflexão e a abstração. Deficiente o ensino ginásial, pela negação da sua finalidade, e, portanto, do método, o ensino superior, que sobre ele repousa, se ressentirá dessas peias à liberação do espírito em busca de novas verdades (Briquet in Azevedo, 1937, p. 396-398).

No início da década de 1930, Briquet envolve-se na criação da Sociedade Paulista de Filosofia e Letras, “sociedade que desempenhou papel importante na implantação dos alicerces da construção de uma universidade paulista” (Bomfim, 2002, p. 21-22). Novamente instigado por Fernando de Azevedo, assinaria o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova; em seguida participaria da criação de uma das instituições-chave no processo de institucionalização das ciências sociais, a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Bem-querido e bem-visto pelo escol intelectual paulista, na companhia de Fernando de Azevedo, Júlio de Mesquita Filho e Lúcio Rodrigues integrava a comissão incumbida de estudar as bases de criação da Universidade de São Paulo. Nessa instituição assumiria, por concurso, a cátedra de Clínica Obstétrica e Puericultura Neonatal da Faculdade de Medicina e Cirurgia. Noutros termos, no transcurso da vida, Raul Briquet projeta-se com sujeito dotado de inequívoca qualificação científica e competência profissional nos diversos ramos da cultura e da ciência.

A institucionalização acadêmica da sociologia e da política

Diferentemente do modelo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FLCH) da Universidade de São Paulo (USP), mais teoricista e especulativo — sua única finalidade prática circunscrevia-se à formação pedagógica de professores secundários no Instituto de Educação a ela anexado em 1938 —, a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) pretendia realizar pesquisas empírico-dedutivas e intervencionistas, ou seja, *surveys*. Se a FLCH inclinava-se pelo modelo francês de ensino superior, a ELSP inspirava-se no modelo norte-americano. Entrementes, a despeito das diferenças de modelos de ensino e pesquisa, em 1938 a ELSP seria anexada a USP na condição de instituição complementar.

O curso de Ciências Sociais e Políticas da ELSP oferece o diploma de Bacharel, o de Biblioteconomia, o título de Técnico em Biblioteconomia. Projetada como centro de estudos e pesquisas objetivos sobre as origens, funções e necessidades do meio social brasileiro e paulista em especial, a instituição visava formar indivíduos “aptos a colaborar na solução dos problemas da administração pública e particular, e eventualmente orientar o povo e a nação no reajustamento do moderno equilíbrio social” (*Anuário de 1948*, p.5).

Estelar entre nubes estelares, no âmbito do curso de Ciências Sociais e Políticas, Raul Briquet funda as cadeiras Psicologia Social (1933) e Educação Nacional (1936),

ambas de acentuada tendência à especialização acadêmico-institucional, e, por ventura, inéditas nos domínios do ensino superior. As demais cadeiras eram regidas por Antonio de Almeida Júnior: Fisiologia do Trabalho; A. Dreyfus: Biologia Social; Horace B. Davis: Economia Social; Samuel H. Lowrie: Sociologia; Edgar O. Gothsch: Finanças Públicas e Economia Internacional; Robert Mange: Psicotécnica; Roberto Simonsen: História Econômica do Brasil; Antonio Carlos Pacheco e Silva: Serviços Sociais; Mário S. Cardin: Administração Pública; Durval Marcondes: Psicanálise e Higiene Mental; Herbert Baldus: Etnologia Brasileira; Donald Pierson: Antropologia Social; Murilo Mendes: História Social e Política do Brasil; Antonio Piccarolo: História das Doutrinas Políticas.

Aos concluintes dos estudos pós-graduados conferia-se o título de “Mestre na Ciência” na especialidade escolhida: antropologia, sociologia, administração pública, economia, estatística, ciência política, psicologia. Entre 1940 e 1941, a ELSP alarga e aprofunda seu projeto científico e institucional; com efeito, sob as diretivas de Donald Pierson instalava-se a seção de estudos pós-graduados em Sociologia e Antropologia. Nesta seção pontificariam intelectuais estrangeiros portadores de valiosos PhDs, além de Pierson, Emilio Willems, Herbert Baldus, Radcliffe-Brown, e outros mais (cf. Pierson, 1945).

A chegada de Pierson à escola, em 39, altera o quadro descrito ao imprimir novos rumos ao projeto. A formação e o conhecimento produzidos pela escola passam a se inscrever no interior do mundo acadêmico. Não que esta dimensão estivesse ausente no momento anterior. O que se transforma é o fim do projeto, que deixa de se referir ao Estado e à formação de elites técnicas, para circunscrever-se à formação de sociólogos profissionais. (Limongi, 1987, p.223).

Dentre as primeiras teses de mestrado havia nomes hoje altissonantes de sujeitos então em início e afirmação de carreiras acadêmicas: Florestan Fernandes e Oracy Nogueira na sociologia, Gioconda Mussolini na antropologia, Virginia Leone Bicudo em psicologia e psicanálise.

Um médico no ministério das humanidades

À frente da cadeira Psicologia Social, no Brasil, Raul Briquet aborda a topografia dos sistemas de pensamento de teóricos funcionalistas, comportamentistas, marxistas, positivistas e psicanalistas —, Dewey, James, Hall, Watson, Thordinke, Politzer, Bechterew, Pavlov, Kofka, Wertheimer, Ribot, Sorokin, Comte, Freud e Jones. Seu alvo: situar as contribuições da biologia e sociologia na organização da psicologia social. Bem-sucedido, em 1935 reúne as lições e publica o manual *Psicologia social*, em cuja abertura expressava sonora convicção: “Se o indivíduo só se completa depois de integrado na sociedade, e uma vez que desinteressa o aspecto estritamente pessoal ou biológico, claro é que a Psicologia, no sentido lato, há de ser forçosamente social” (Briquet, 1935, p. 2).

À frente da cadeira Educação Nacional, primeira e única no ensino superior do país, desenvolve um programa de ensino organizado em eixos temáticos, e inicialmente

previsto para 35 aulas, a saber: Evolução do pensamento educacional, Base psicológica, Educação nacional. Abrangentes, tais eixos remetem à problemática lógica, ontológica e epistemológica da educação nas suas variadas dimensões.

— **Evolução do pensamento educacional**

1. Educação na Grécia
2. Educação em Roma
3. Educação na Idade Média
4. Educação no Renascimento
5. Educação e Reforma Religiosa
6. Do realismo na educação
7. Do Naturalismo na educação
8. Educação popular e Educação nacional
9. Da psicologia na Educação
10. Do Pensamento educacional no Brasil e em São Paulo
11. A) Tendências contemporâneas
B) Da educação pacifista

— **Base psicológica**

1. Psicologia da criança
2. Psicologia do adolescente
3. Psicologia vocacional
4. Saúde mental na educação

— **Educação Nacional**

- A) Evolução histórica; B) Tendências atuais.

I - Ensino primário

1. Ensino primário
2. Ensino técnico-profissional
3. Ensino rural

II – Ensino secundário

1. Educação física
2. Educação sexual
3. Educação científica
4. Ensino de línguas
5. Educação estética
6. Educação religiosa
7. Educação moral

III – Ensino superior

1. Ensino universitário

- 2. Cultura geral
- IV – Educação especial
 - 1. Educação feminina
 - 2. Educação especial
 - 3. Educação do adulto
 - 4. Educação dos pais
- V – Educação comparada
 - Características do presente

Fonte: *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*.
 Instituição completar da USP. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1940.

Noutros termos, o programa de ensino visa certificar o curso de lições como iniciação (propedêutica) ao estudo da educação, domínio disciplinar de exigente especialização sujeito à verificabilidade científica. Esse programa logo sofreria diversos ajustes, ora com ampliação, ora com redução de tópicos e reformulação dos eixos temáticos. Em 1942, o curso estava assim reconfigurado:

— **I. Base histórica**

- 1. Educação na Grécia
- 2. Educação em Roma
- 3. Educação na Idade Média
- 4. Educação no Renascimento
- 5. Educação e Reforma religiosa
- 6. Realismo pedagógico
- 7. Naturalismo pedagógico
- 8. Psicologia pedagógica
- 9. Instrução pública no período colonial
- 10. Instrução pública no Império
- 11. Instrução pública na República
- 12. Tendências atuais da educação
 - a) No estrangeiro; b) no Brasil

— **II. Base psicofisiológica**

- 1. Considerações gerais: a) Psicologia experimental
- b) Psicanálise; c) Gestaltismo. Fundamentos anatomofisiológicos da psicologia
- 2. Fundamentos neurobiológicos da psicologia
 - a) Considerações gerais sobre o sistema nervoso;
 - b) Histofisiologia geral do sistema nervoso;
 - c) Rudimentos de anatomia e fisiologia da medula e do rombencéfalo;
 - d) Rudimentos de anatomia e fisiologia do mesencéfalo,

- do diencéfalo e do telencéfalo (corpos estriados e arquipalio);
- e) Rudimentos de anatomia e fisiologia do telencéfalo (neopálio)
- f) Do sistema nervoso vegetativo
- 3. Atividade reflexa e sensorial
 - a) do feto; b) do recém-nascido
- 4. Desenvolvimento psíquico da criança
- 5. Sensação, percepção
 - a) Considerações gerais; b) gustação e olfação;
 - c) Somestesia em geral. Somestesia cutânea e vestibular;
 - d) Cinestesia; e) Audição; f) Visão
- 6. Emoção
- 7. Da linguagem
- 8. Psicologia do adolescente
- 9. Da aprendizagem
- 10. Saúde mental na escola

— III. Base metodológica

- 1. Educação primária: a) Bases psicológicas da educação da criança; b) Métodos novos de ensino primário
- 2. Educação secundária: a) Organização e fins; b) Educação física; c) Educação sexual; d) Educação intelectual
 - Educação científica
 - Ensino de línguas;
- e) Educação estética; f) Orientação profissional; g) Educação moral

Fonte: *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*.
 Instituição completar da USP. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1942.

Em aparência difusos e profusos, os programas de ensino da cadeira Educação Nacional concretizavam o propósito de integrar a evolução do pensamento educacional ao campo das ciências da educação. Em 1943, outras alterações suprimiriam os tópicos referentes à fisiologia do cérebro.

— I. Base histórica

- 1. Educação na Grécia
- 2. Educação em Roma
- 3. Educação na Idade Média
- 4. Educação no Renascimento
- 5. Educação e Reforma religiosa
- 6. Realismo pedagógico
- 7. Naturalismo pedagógico

8. Psicologia pedagógica
9. Instrução pública no período Colonial
10. Instrução pública no Império
11. Instrução pública na República
12. Tendências atuais da educação
 - a) No estrangeiro; b) No Brasil

— **II. Base psicofisiológica**

1. Considerações gerais
2. Atividade reflexa e sensorial
3. Sensação. Percepção
4. Emoção
5. Da linguagem
6. Psicologia educacional da criança
7. Psicologia educacional do adolescente
8. Psicologia da aprendizagem
9. Saúde mental na escola

— **III. Base metodológica**

1. Educação primária
 - a) Bases psicológicas da criança
 - b) Métodos novos de ensino primário
2. Educação secundária
 - a) Organização e fins; b) Educação física; c) Educação sexual; d) Educação sexual; e) Educação intelectual
3. Educação científica
4. Ensino de línguas
 - a) Educação estética; b) Orientação profissional; c) Educação moral

Fonte: *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*.
Instituição completar da USP. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1943.

Em suma, os programas conciliavam a evolução do pensamento educacional e as teorias psicossomáticas conforme o horizonte científico da época. E a fim de sancionar os estudos especializados em Educação, quer como prática profissional, quer como conhecimento academicamente institucionalizado, quer ainda como campo de investigação autônomo, Raul Briquet caucionava os programas da cadeira Educação Nacional com bibliografia extensa e requintada; quer dizer, por parte do catedrático havia a intenção de demonstrar docência erudita e pesquisa bibliográfica aprofundada. Tal protocolo cientificista, note-se, era comum entre os demais catedráticos e assistentes de cátedra, a fim de atestar autossuficiência intelectual e internalização da excelência acadêmica, assim parece.

Em 1945, a ELSP reestruturou seu currículo de matérias conforme as diretrizes nacionais para os cursos de Sociologia e Política e, assim, obteve o reconhecimento do Governo Federal. Entre outras iniciativas, a cadeira Educação Nacional foi convertida em curso de extensão a ser realizado em série de conferências, 14 no total, para um público interno e externo à instituição. Nessa nova configuração, Raul Briquet inseriu no curso tópicos sobre a educação comparada abordando os casos soviético, português e brasileiro.

— **I. Evolução do pensamento educacional**

1. Educação na Grécia
2. Educação em Roma
3. Educação na Idade Média
4. Educação e humanístico Renascimento
5. Educação e Renascimento científico
6. Educação e Reforma religiosa
7. Realismo pedagógico
8. Naturalismo pedagógico
9. Educação popular
10. Psicologia na educação
11. Educação científica
12. Educação em Portugal
13. Educação no Brasil
14. Educação para a vida
15. Educação soviética

— **II. Psicologia do aprendizado**

1. Aquisição do conhecimento
2. Curvas do aprendizado
3. Retenção
4. Motivação
5. Análise serial
6. Distribuição da prática
7. Função da matéria aprendida
8. Fator temporal
9. Transferência do treino
10. Inibição retroativa
11. Fatores nocivos ao aprendizado
12. Conceito gestáltico do aprendizado
13. Processos fundamentais do aprendizado. Conservação do conhecimento. Memória e hábito

— III. Metodologia

1. Educação primária
2. Educação secundária
3. Organização e fins
4. Educação física
5. Educação sexual
6. Educação intelectual
7. Educação científica
8. Educação estética
9. Orientação profissional
10. Educação moral

Fonte: *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*.
Instituição completar da USP. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1945.

Objetivando projetar o valor metaprofissional da instituição, vale lembrar que, as conferências em série estavam previstas no projeto acadêmico da ELSP desde a sua criação. De fato, entre 1936 e 1937, de par ao magistério na cadeira Educação Nacional, Raul Briquet proferiu conferências públicas. *O Estado de S. Paulo*, edição de 16 de agosto de 1937, na página 3, assim noticiava:

Realiza-se hoje às 20 horas e meia na Escola Livre de Sociologia e Política (edifício da Escola de Comércio Álvares Penteado) a 4ª conferência pública do Prof. Raul Briquet, sobre a evolução do pensamento educacional. Continuando programa da cadeira de Educação Nacional, o professor Raul Briquet tratará do tema “Educação na Idade Média” ilustrando sua palestra com projeções luminosas. A entrada é franca aos interessados.

No mais, para aquilatar a ambiciosa singularidade dos programas organizados por Raul Briquet não será de todo inoportuno compará-los ao programa da cadeira História e Filosofia da Educação do Curso de Formação de Professores Primários do Instituto de Educação anexo à Universidade de São Paulo, no ano de 1936.

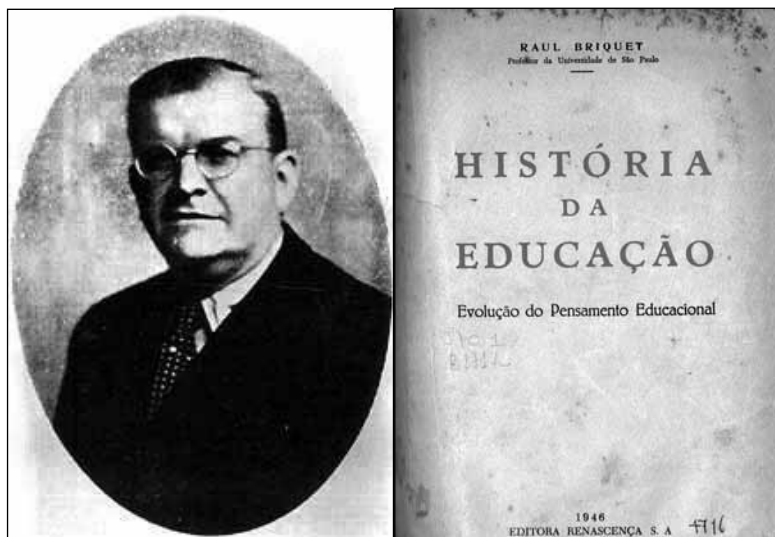
1. A educação entre os primitivos
2. A Grécia - doutrinas educacionais
3. A educação em Roma
4. A educação na Idade Média, a educação monástica, a Cavalaria, as Universidades
5. Renascimento
6. A Reforma e a Contrarreforma
7. Período de transição: Rabelais, Montaigne, Erasmo
8. O realismo de Bacon e Comenius
9. Locke e a disciplina formal
10. Rousseau e a criança
11. Pestalozzi, Herbart e Fröebel: a psicologia na educação
12. Spencer e a educação científica
13. Dewey
14. Manifesto dos Educadores Brasileiros

Fonte: SÃO PAULO (Estado) Universidade de São Paulo, Instituto de Educação. *Programas dos cursos regulares e extraordinários para o ano de 1936*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1936.

Para viabilizar o curso de lições, o regente da cadeira, o eminente Roldão Lopes de Barros, acolhia *Historia de la pedagogía*, de Wickert; *Disegno storico delle doutrine pedagogiche*, de Marchesini; *Noções de história da educação*, de Afrânio Peixoto; *História de la pedagogía*, de Messer; *Historia de la pedagogía*, de Paul Monroe; *Histoire de la pédagogie*, de Riboulet; *Histoire de la pédagogie*, de Compayré; *La pedagogía del Rinascimento*, de Woodward.

Das lições orais à palavra escrita

Em 1946, Raul Briquet reuniu em livro as lições ministradas na primeira parte do programa de ensino, ou seja, a base histórica. No prefácio esperançosa profissão de fé: “Teremos alcançado o nossa desiderato se construirmos, com esta síntese breve, para realçar o interesse dos pais e do público em geral pela educação, em que repousa a felicidade do lar e o engrandecimento da Pátria”.



Ao enveredar pelo gênero manual didático, Raul Briquet optava pela via sintética de exposição, sem dúvida uma escolha árdua para os iniciantes na temática, ainda que se reconheça que os capítulos fossem redigidos numa escrita firme e clara, em essência monográfica. Dos capítulos saltam quadros histórico-sociais isentos de vida contraditória; neles, a educação, atividade humana vital, aparece como fomento civilizador. Com o propósito de oferecer uma interpretação compreensiva, desenvolveu nosso autor transitava da Antiguidade Clássica humanista e Idade Média cristã ao cume científico-intelectual dos tempos futuros – a Idade Moderna, mundana e racionalista, a Idade Contemporânea laica, industrial e científica. Sobretudo, Briquet quer transparecer o domínio das formas de saber e os segredos da heurística bibliográfica.

Índice

Prefácio

I – A educação na Grécia

II – A educação em Roma

- III – A educação na Idade Média
- IV – A educação e o Renascimento humanístico
- V – A educação e o Renascimento científico
- VI – A educação e a Reforma religiosa
- VII – A educação dos Jesuítas
- VIII – O realismo pedagógico
- IX – O naturalismo pedagógico
- X – A educação do povo
- XI – A educação nacional
- XII – A educação psicológica
- XIII – A educação científica
- XIV – A educação para a vida
- XV – A educação no Brasil
- Leituras;
- Índice alfabético
- Bibliografia brasileira de educação

Nos capítulos dedicados à história geral da educação, o Briquet sumariava a vida e a obra dos “vultos pioneiros da teoria educacional”. Com esse recurso, perfilava um calendário ascendente e descendente de grandes homens, de sorte a dar a conhecer as inflexões fecundas da obra discursiva dos antepassados da pedagogia às voltas com valores éticos e morais universais: justiça e felicidade, moral e verdade. Porquanto, a evolução do pensamento educacional é explicada como objetivação sociocultural de discursos esclarecidos.

Para pensar o largo processo de hominização da humanidade, Briquet apegava-se aos tratadistas clássicos — Sócrates, Platão, Aristóteles, Plutarco, Cícero, Quintiliano, São Tomás de Aquino, Bacon, Petrarca, Boccaccio, Erasmo, de Feltre, Vergério, Moribus, D’Arezzo, Lutero, Melancton, Loiola, la Salle, Rabelais, Montaigne, Ratke, Comênio, Locke, Condorcet, Fichte, Fröebel, Pestalozzi, e modernos — Herbart, Dewey, Kerschensteiner, Luzuriaga.

Quanto à educação na Grécia, relevava Platão e Aristóteles cultores da verdade e da justiça; em Roma, a cidadania e o brilho da palavra falada e escrita; na Idade Média destacava a exemplaridade dos cristãos primitivos, a salvaguarda do espírito greco-latino, o apogeu da escolástica, a criação das primeiras universidades; no Renascimento humanístico, o cultivo das letras clássicas como fundamento da renovação cultural; no Renascimento científico, a filosofia de Bacon e Descartes, o nascimento da astronomia moderna e da física experimental; na Reforma religiosa, a educação dos jesuítas, o estudo do latim, a disciplina escolar rigorosa; no Realismo pedagógico, a substituição da erudição literária pela observação da natureza; no Naturalismo pedagógico, a construção da personalidade do aluno, primeiro objetivo da educação; na Educação do povo, a democratização do ensino público, obra iniciada pela Revolução Francesa e continuada em outras bases por Pestalozzi; na Educação nacional, a obra de Fichte: a educação enquanto correlato de cultivo espiritual, história e tradições nacionais.

Do conjunto dos quadros histórico-sociais delineados nos capítulos do manual, Raul Briquet deduzia não apenas uma teoria definitiva, mas um horizonte para o futuro da humanidade, qual seja, a progressão linear e homogênea do pensamento educacional em direção ao seu sentido moderno, isto é, ao nacional, à democracia e à ciência.

Encampando as ciências da educação

De par com a evolução do pensamento educacional consoante às épocas pretéritas, Briquet dedica capítulos à emergência das ciências da educação, fundamentalmente ciências descritivas, como fenômeno recente e universal, cujo escopo residiria no estudo investigativo e objetivo dos processos educativos conforme às novíssimas ciências do homem, biologia e psicologia, e dos métodos de ensino de base orgânica; com efeito, os capítulos XII, XIII e XIV, respectivamente, “A educação psicológica”, “A educação científica” e “A educação para a vida”, celebram o auge científico da pedagogia. Nesses capítulos, nosso autor relevava a evolução psicossomática do homem, a educação científica, o valor das humanidades, o preparo dos pais para educar os filhos, sobretudo pleiteava a reforma do ensino em correspondência com as ideias da Escola Nova.

Dewey fundamentou a teoria da educação nova, já antecipada na obra de Rousseau, Pestalozzi, Fröebel, Montessori etc. Pode-se repetir, com ele, que foi copernicana a revolução introduzida pela psicologia educacional ou genética, na prática pedagógica, pois centralizou a atividade e as cogitações em torno da criança (Briquet, 1946, p. 151).

Latejantes, as explicações celebravam a afirmação das doutrinas científicas articuladamente ao empenho de colocar o aprendiz em contato direto com as exterioridades imediatas da vida; e assim relevar o conhecimento edificado à luz da experiência e da demonstração, daí Briquet tomar partido pela educação ativa e em estreita relação com a potência criadora da vida.

Escola nova. O órgão de remodelação educacional é a *escola nova*, que desenvolve ao máximo a personalidade e as aptidões de cada aluno. Obedece a dois métodos fundamentais, conforme dê preponderância aos mecanismos individuais do pensamento ou à vida social da criança. Pertencem ao primeiro as escolas de Montessori, Dalton, Kerschensteiner, Decroly, Winnetka e de Projetos; ao segundo, as de Cousinet, em França, e de Peterson, na Alemanha. Ambos os grupos se fundam nos princípios do interesse e da atividade, na fusão harmônica do trabalho mental e manual, na coeducação e na escola única (Briquet, 1946, p.152. Grifo no original).

Outra perspectivação, o capítulo “A educação no Brasil”

O contraditório é reservado ao capítulo XV, “Educação no Brasil”. Se antes, na parte dedicada à evolução da história da educação, Raul Briquet havia operado uma premonitória teoria da história calçada na concepção de tempo linear, homogêneo e

progressivo, o capítulo XV explicita outra perspectivação ao sumariar “aquilo que se fez de maior monta entre nós até fins do século passado em matéria de educação” (1946, p. 8). Em narrativa bem documentada, cujo andamento segue uma periodização político-administrativa em três tempos, Raul Briquet esboçava a evolução incompleta do ensino primário e secundário na Colônia, no Reino, no Império e na República (mais exatamente primeira década republicana).

Igualmente a outros manuais de autoria de professores em institutos de formação profissional do magistério, alguns dos quais em conformidade com programas oficiais, uns laicos e seculares, outros de matizes confessionais — *História da Pedagogia compilada por um professor*, de O.D.C. (pseudônimo de René Barreto, Francisco Alves, 1914), *Noções de história da educação*, de Afrânio Peixoto (Nacional, 1933), *Educação: história da pedagogia*, de Francisca Peeters e Maria Augusta de Cooman (Melhoramentos, 1936), *História da educação*, de Bento de Andrade Filho (Saraiva, 1941), Rui de Aires Belo, *Esboço da história da educação* (Nacional, 1945), *História da educação*, de Teobaldo Miranda Santos (Nacional, 1945) —, Raul Briquet esboçava no formato de apêndice uma narrativa apoiada em sólida bibliografia (cf. Anexo I).

Contudente, averiguava o saldo deficitário de uma trajetória incompleta, a educação pública soa como algo desterrado no tempo brasileiro.

- (i) Quanto ao Brasil-Colônia, concluía que a indiferença da metrópole em relação à vida espiritual da Colônia só fora objeto de cogitação no governo do marquês de Pombal; toda a diligência instrutiva até então coubera aos jesuítas, a sua vez, as escolas ou aulas régias não obedeciam a planos preestabelecidos. Esparsas e avulsas, nelas ensinavam-se tão somente os rudimentos de filosofia e retórica, mais tarde cuidou-se do ensino religioso mediante fundação de seminários;
- (ii) Quanto ao Brasil-Reino, o ensino popular não teria melhorado substancialmente, embora escolas de grau superior tivessem sido criadas, não havia uma base sólida constituída pelo ensino primário e secundário;
- (iii) Quanto ao Brasil-Império, concluía pela inexistência de um plano nacional de educação, os graus de instrução não compunham um todo orgânico. Ademais, a descontinuidade administrativa não promovia a continuidade de ações, fato agravado pela exiguidade de verbas e assinergia entre os poderes executivo e legislativo.
- (iv) Quanto à trajetória da educação no Brasil-República, aporético, optava pela dúvida retórica.

A primeira fase evolutiva da educação nacional encerra-se com o fim do século XIX. Dessa época aos nossos dias a apreciação histórica requer espírito diverso do que orientou o presente capítulo, por se tratar de processo em elaboração do que decantação do passado [...]. Aguarda-se a elaboração definitiva do plano nacional de educação a fim de integrar as conquistas da moderna pedagogia nas aspirações da cultura e civilização brasileira (Briquet, 1946, p. 182).

A coordenação bibliográfica

História da educação: evolução do pensamento educacional quer não apenas transmitir conhecimentos, mas suscitar interesse pela prática da investigação (mormente em educação brasileira). No fecho do manual, sob o título “Bibliografia brasileira de educação”, Briquet disponibilizava um arsenal de 410 registros documentários dispostos em eixos temáticos: 1. Administração escolar; 2. Biologia educacional e Higiene; 3. Cinema e rádio educativos; 4. Conferências e congressos de educação; 5. Cultura educacional; 6. Educação comparada; 7. Educação emendativa; 8. Educação estética; 9. Educação feminina; 10. Educação física; 11. Educação em geral; 12. Educação moral; 13. Educação dos pais; 14. Educação primária; 15. Educação e orientação profissionais; 16. Educação rural; 17. Educação secundária; 18. Educação sexual; 19. Educação superior e universitária; 20. Estatística educacional; 21. História da educação; 22. Metodologia do ensino; 23. Periódicos sobre educação; 24. Psicologia educacional; 25. Sociologia e antropologia educacionais.

Os registros documentários foram selecionados da “Bibliografia pedagógica brasileira”, publicação de iniciativa do INEP veiculada em números da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*.⁴ Em nota de rodapé o autor escrevia: “Sem dúvida, muitos trabalhos foram involuntariamente omitidos nesta relação, não tendo havido intuito axiológico algum na enumeração dos que nelas se incluíam” (Briquet, 1946, p. 180). E no corpo do texto agregava o seguinte comentário:

A colaboração de técnicos e estudiosos tem sido vultosa, como se depreende da inclusa Bibliografia brasileira de educação. Em quase todos os departamentos de ensino público existem valiosas contribuições, quer teóricas, quer práticas. Faltam, contudo, as normas que orientam e guiam sem vacilação, que animem e construam sem restrições e anacronismos que acolham e concretizem a boa vontade e os anseios de quantos medem o esplendor do Brasil, pela educação de seus filhos. (Briquet, 1946, p. 183).

A elaboração de uma bibliografia especializada para servir aos estudos históricos em educação fora suscitada por Gustavo Capanema, ministro da Educação. O levantamento iniciara-se em 1935 com os técnicos da extinta Diretoria Nacional de Educação, Joaquim da Costa Ribeiro, Joaquim Moreira de Sousa e Thiers Moreira, os quais realizaram buscas nos acervos das bibliotecas Nacional, Central Pedagógica e Municipal, da Prefeitura do Distrito Federal; e mais adiante finalizado pelos técnicos do recém-criado INEP, dirigido por Lourenço Filho, a saber, Selene Tigre, Elisa Dias Veloso, Inês Bomilcar Besouchet e Déa Veioso Barros. Esses técnicos revisaram, ampliaram e comentaram o conjunto das séries bibliográficas balizadas pelos seguintes marcos cronológicos: 1808, ano assinalador da centralização dos poderes administrativo, militar e político em

⁴ A íntegra da Bibliografia pedagógica brasileira foi publicada nos seguintes números da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro/DF, v. 1, n. 1, p. 100-123, jul 1944; v. 1, n. 2, p. 281-304, ago. 1944; v. 1, n. 3, p. 418-448, set. 1944; v. 2, n. 4, p. 108-133, out. 1944; v. 2, n. 5, p. 287-294, nov. 1944.

decorrência da transferência da Corte portuguesa para o Brasil; e meados da década de 1940, encerramento do levantamento. É possível conjecturar que nalgum momento Raul Briquet tenha participado na elaboração das séries bibliográficas.

Enquanto projeto institucional, a “Bibliografia pedagógica brasileira”, sabe-se, foi vivamente influenciada pelo *Handbook of latin american studies*, periódico editado anualmente desde 1930 sob o patrocínio inicial de Advisory Committee on Latin American Studies of the American Council of Learned Societies e colaboradores das universidades de Michigan e Chicago, além de instituições governamentais.⁵ Contendo seções especializadas, o *Handbook of latin american studies* registrava e comentava a produção bibliográfica anual em antropologia, arte, economia, direito, folclore, geografia, história, literatura e educação. Sucessivamente assinada por Ernesto Galarza, Harold Benjamin, Lourenço Filho, Irene de Menezes Dória e Agnes E. Toward, a seção “Education” registrava e comentava a publicação de anais de congressos, artigos de periódicos, boletins oficiais, capítulos de livros, livros, manuais de ensino, relatórios administrativos. De modo geral, os títulos indexados remetiam a ciências da educação – biologia, fisiologia e psicologia, estatística –, legislação específica, métodos de ensino e, eventualmente, documentos históricos.

O êxito de uma lição

Retomando. O capítulo XV do manual, “A educação no Brasil”, reproduz na íntegra a lição “Instrução pública nos períodos colonial, imperial e republicano”, ministrada na cadeira Educação Nacional. Em 1944, portanto, antes da edição de *História da educação: evolução do pensamento educacional*, com títulos modificados, a saber, “Instrução primária e secundária no Brasil de 1500 a 1889” e “Instrução pública na Colônia e no Império (1500-1889)”, Raul Briquet reeditava a referida lição em *Palestras e conferências* e na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*.⁶

A terceira e última reedição ocorreria em 1949 no “ainda insuperado *Manual de estudos brasileiros*” (Hallewell, 1985, p. 412), obra dirigida por Rubens Borba de Moraes e William Berrien: o primeiro, professor no curso de Biblioteconomia da ELSP e subdiretor dos Serviços de Biblioteconomia da ONU, o último, professor na Universidade Harvard.

O livro contém capítulos, balanços e bibliografia anotada sobre arte, direito, etnologia, filologia, folclore, geografia, história do Brasil, literatura, música, sociologia, teatro e educação, e são assinados por Alice Canabrava, Astrojildo Pereira, Caio Prado Júnior, Donald Pierson, Gilberto Freyre, Francisco de Assis Barbosa, Herbert Baldus, Manuel Bandeira, Matoso Câmara Júnior, José Honório Rodrigues, Mario de Andrade, Odilon Nogueira de Mattos, Pierre Monbeig, Raul Briquet, Lourenço Filho e Sérgio Buarque de Holanda.

⁵ *Handbook of Latin American studies*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; Gainesville: Florida University Press; Texas: University of Texas Press - Austin and London. 1935-1970. Há diversas reimpressões com variação de local e editora. Partilhando desses objetivos, tem-se, ainda, a “A bibliografia pedagógica da América Latina”, de Ernesto Galarza e Lourenço Filho, separata do *Handbook*.

⁶ Cf. BRIQUET, Raul. Instrução pública na Colônia e no Império (1500-1889). *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Distrito Federal, v. 2, n. 4, p. 5-20, out. 1944.

Organizado em duas partes, “(De 1500 a 1889) – Brasil Colônia – Brasil Reino” e “(De 1889 a 1941) – Brasil República”, o capítulo “Educação” é assinado por Raul Briquet e Lourenço Filho. Se em perspectiva panorâmica sustentada na cronologia dos fatos Briquet assinalava os percalços advindos da inexistência de uma “orientação nacional do ensino”, Lourenço Filho detinha seu olhar na organização da educação nacional, nas décadas de 1930 e 1940. Completava-se o capítulo com raro e profuso rol de obras impressas, 417 no total.

Se habitualmente os manuais de ensino funcionam como intercessores do saber na relação professor-aluno, observando idades e níveis de estudos, isto é, ensino primário, secundário e superior, objetivando proporcionar ensino coletivo uniformizado pela via das exposições dogmáticas – como se sabe o manual é um instrumento dos mais tradicionais, para alguns descenderia dos livros de religião –, *História da educação: evolução do pensamento educacional* é caso a parte, pois produto de uma experiência institucional de teor erudito e complexo, vivenciada na conjuntura de montagem do sistema acadêmico-institucional orientado para as ciências humanas e sociais no Brasil, e mais especificamente em São Paulo.

Referências

- ANUÁRIO DA ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO. Instituição completar da USP. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1948.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Florestan Fernandes e a “escola paulista”. In: MICELI, Sergio (org.). *História das ciências sociais no Brasil*. v. 2. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais; IDESP, 1989, p. 107-232.
- AZEVEDO, Fernando de. *A educação e seus problemas*. São Paulo: Nacional, 1937. (Biblioteca pedagógica brasileira. Atualidades pedagógicas, 3).
- BOMFIM, Elizabeth de Melo. *Raul Carlos Briquet*. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002.
- BRIQUET, Raul. Instrução pública na Colônia e no Império (1500-1889). *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Distrito Federal, v. 2, n. 4, p. 5-20, out. 1944.
- BRIQUET, Raul. *Palestras e conferências*. São Paulo: Atlas, 1944.
- BRIQUET, Raul. *História da educação: evolução do pensamento educacional*. São Paulo: Editora Renascença, 1946.
- BRIQUET, Raul; LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. Educação. In: MORAIS, Rubens Borba de; BERRIEN, William (dir.). *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Record, 1949, p. 159-197.
- KRÜGER, Helmuth. BRIQUET, Raul Carlos (1887-1953). In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 102-104.
- LIMONGI, Fernando. A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo. In: MICELI, Sergio (org.). *História das ciências sociais no Brasil*. v. 1. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais; IDESP, 1989, p. 217-233.

MELO, Luís Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: [s.n.], 1954. (Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo).

MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário brasileiro*. 2 ed. ver. aum. e atual. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

MONARCHA, Carlos. Práticas de escrita da história da educação: o tema da Escola Nova nos manuais de autores brasileiros. In: GATTI Júnior, MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Camara (org.). *O ensino de história da educação em perspectiva internacional*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 65-94.

MORAES, Rubens Borba; BERRIEN, William (dir.). *Manual de estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Record, 1949.

PIERSON, Donald. *Survey of literature on Brazil of sociological significance published up to 1940*. Cambridge; Massachusetts: Harvard University Press, 1945. (Edited for the Joint Committee on Latin American Studies of The National Research Council the American Council of Learned Societies and Social Science Research Council).

ANEXO I

Bibliografia capitular de *História da educação: evolução do pensamento educacional*. São Paulo: Renascença, 1944. (206 p.)

Capítulo I - A educação na Grécia

1. Aristóteles: *Ética a Nicômaco* (livros I, X); id.: *Política* (Livros VII e VIII); 2. Cubberley, E.P.: *The history of education*, H. Mifflin, 1929; 3. Davidson, T.: *The education of the Greek People and its influence on civilization*, 1895; 4. Enriques, F. et Santillana, G.:
2. *Compendio di storia del pensiero scientifico*, Bologna, Zanichelli, 1937; 5. Freeman, R.J.: *Schools of Hellas*, Macmillan, 1907; 6. Gomperz, Th.: *Les penseurs de la Grèce*, Alcan, 1908-1909, v. II-III; 7. Jaeger, W.: *Paideia*, Oxford, 1943, v. II; 8. Nery, Castro. *Evolução do pensamento antigo*, Livraria Globo, 1944; 9. Platão: *Diálogos: Apologia de Sócrates e Crito*; 10. Id.: *República* (livros III e VII tradução francesa Saisset, X volume, ou tradução portuguesa de Albertino Pinheiro, Cultura Brasileira; 11. Plutarco: *Vida de Licurgo*; 12 Id.: *Sur l'éducation des enfants*, Hachette, 1876; 13. Weber, A. *Histoire de la philosophie*, Fischbacher, 1914; 14. Xenofonte, *Les entretiens mémorables de Socrate*, Paris Lecou, ou *Memorabilia*, tradução Rangel de Andrade, Rio de Janeiro, Cia do Brasil Editora, 1929; 15. Zeller, Ed.: *Les socratiques*, em *Philosophie des Grecs*, Paris, Boutroux.

Capítulo II - A educação em Roma

1. Cícero: *Do orador*, livro I; 2. Quintiliano: *Das instituições oratórias*, livros I, II e III; 3; Leoni, G. D.: *Sêneca sonora*, São Paulo 1944; Id.: *Cícero, o homem e o pensador*, São Paulo, 1943;4; Sêneca: *Epístolas a Lucílio*; 5. Wilkins, A.S.: *Roman education*, Cambridge, Un. Press, 1914; Cubberley, E.P.: *The history of education*, H. Mifflin, 1929.

Capítulo III - A educação na Idade Média

1. Bacon, R: *The opus majus*, tradução Burke, R.B. Um. Pennsylvania Press, 1928; 2. Cubberley, E.P.: *The history of education*, H. Mifflin, 1929; 3. Dias Eduardo: *Árabes e muçulmanos*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1940; 4. Enriques, F. et Santillana, G.: *Compendio di storia del pensiero scientifico*, Bologna, Zanichelli, 1937, especialmente capítulo XX; 5. Santo Tomás de Aquino: *O mestre*, tradução van Acker, em Mayer, M.H.: *Filosofia da educação de Santo Tomás*, São Paulo, Livraria Odeon, 1936; Santo Tomás: *Il maestro*, tradução Muzio, Turim, Sociedade Editora, 1930.

Capítulo IV - A educação e o Renascimento humanístico

1. D'Arezzo, L.B.: *Do estudo e das letras*; Guarino, Batista: *Um método de ensino e estudo*; Piccolomini, F.S.: *Da Educação dos filhos*, Vergério: *Tratado dos hábitos liberais* em Woodward, W.H.; *Vitorino da Feltrina and others humanist educators*, Cambridge, Un. Press, 1887; 2. Erasmo: *Do método de instrução*; Id.: *Do estudo dos clássicos*, em Woodward, W.H. *Desiderius Erasmus*, Cambridge, Un. Press, 1904; 3. Erasmo: *The instruction of a Christian Prince*, Peace Book, 1939; 4. Mota Filho, Candido: *O atualismo de Erasmo*. *Revista Academia Paulista de Letras*, ano III, n.10, p.98-110, 1940.

Capítulo V - A educação e o Renascimento científico

1. Bacon: *Novum organum*, especialmente livro I; 2. Cubberley, E.P.: *The history of education*, H. Mifflin, 1929; 3. Descartes: *Discurso do método*, especialmente livros I e II, edição comentada por Et. Gibson; Id.: *Oeuvres Philosophiques*, Paris, Soc. Panthéon Littéraire, 1842; Id.: tradução Newton Macedo Sá Costa, Lisboa, 1937; Id.: *Regras para a direção do espírito*, *Oeuvres Philosophiques*, op. Cit. Ou tradução Hermes Vieira, São Paulo, Cultura Moderna, 1939; 3. Harrison, Fr.: *Nouveau calendrier des grands hommes*, tradução francesa, E. Leroux, 1894, t. II; Rey, Abel: *L'Esprit de la science et les méthodes scientifiques*, fasc. I, Paris, Librairie Guillon, 1929-1930.

Capítulo VI - A educação e a Reforma religiosa

1. Monroe, P.: *História da educação*, especialmente, capítulo II; Quick, R. H. *Essays on educational reformers*, capítulos III-IV.

Capítulo VII- A educação dos Jesuítas

1. Leite, Serafim: *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa, 1939, 2v.; 2. Madureira, J. de: *A liberdade dos índios, a Cia de Jesus, sua pedagogia e seus resultados*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1939; 3. Misson, J.: *Les idées pédagogiques de Saint Ignace de Loyola*, Lethielleux, 1932; Swickerat, R. Educational work of the Jesuits em Monroe, P.: *Cyclopaedia of education*, Macmillan, 1912.

Capítulo VIII - O realismo pedagógico

1. Comenius, J. Amos: *Didática magna*, Milão, Sandron; 2. Locke: *Quelques pensées sur l'éducation*, tradução francesa Compayré, Paris, Hachette, 1909; 3. Id.: *Conduct of the understanding*, Oxford, Paris, Didit Frères, 1839; 4. Monroe, P. *História da educação*, tradução Nelson Cunha Azevedo, São Paulo, Editora Nacional, 1939, capítulo VIII; Montaigne: *Essais*, livro I, capítulos XXIV e XXV, e livro II, capítulo VIII; 6. Rabelais: *Gargântua*, capítulos XXII e XXIV.

Capítulo IX – O naturalismo pedagógico

1. Baldenspeger, F. e outros: *J.J. Rousseau*, Paris, Alcan, 1912; 2. Benrubi, I.: Rousseau et les grands représentants de la pensée allemand, em Baldenspeger, op. cit.; 3. Id.: Kant, E. *Traité de pédagogie*, Alcan; Id.: *Critique de la raison pratique*; 4. Rousseau, J.J.: *Émile*, especialmente livros I a IV; Id.: *Les rêveries d'un promeneur solitaire*, carta IX, Garnier; Schiller, *Cartas sobre a educação estética do homem*, Londres, Bohn's Standard G. Bell; Library; Vial, F.: Rousseau educateur em Baldenspeger, op.cit.

Capítulo X - A educação do povo

1. Buisson, F: *Condorcet*, Alcan, 1929; 2. Condorcet, M. *Rapport sur Le Plan d'Instruction publique*, 1792; 3. Guex, F. *Histoire de la pédagogie*; 4. Guillaume: Pestalozzi, em Buisson: *Dictionnaire de pédagogie*; 5. Messer, A. *Histoire de la pédagogie*, coleção Labor; 6. Pestalozzi, J. H.: *Como ensina Gertrudes a sus hijos*, tradução Luzuriaga, Madrid; 7. Piaget: *Méthodes nouvelles. Leurs bases psychologiques*, em *Encyclopédie Française*, v. XV, 1939; 8. Pinloche, A.: *Pestalozzi et l'éducation populaire moderne*, Alcan, 1923; 9. Vial, Fr.: *Condorcet*, Delaplane, 1906.

Capítulo XI - A educação nacional

1. Duproix: *Kant et Fichet*, Genève, Georg Cie. 1895; 2. , Fichet: *Discurso a la nación alemana*, Buenos Aires, Americanales, 1943; 3. Guillhaume: Fichet em Buisson: *Dictionnaire de pédagogie*; 4. Kerschensteiner, J.: El problema de la educación publica em *Revista de Pedagogía*, Madrid, 1932.

Capítulo XII - A educação psicológica

1. Compayré: *Herbart et l'éducation par l'instruction*, Delaplane; 2. Fröebel: *L'education de l'homme*, Bruxelles, F. Classen, 1861; 3. Gloker, F.: *La pédagogie de Herbart*, Hachette, 1905; Guex, F. *Histoire de la pédagogie*; 6. Herbart: *Principales oeuvres pédagogiques*, tradução Pinloche, Paris, Alcan, 1894; 7. Kerschensteiner: *A alma do educador*, Madrid, Ed. Labor ou Atlântida, Rio de Janeiro, 1934; 8. Piaget: *Méthodes nouvelles. Leurs bases psychologiques*, *Encyclopédie Française*, v. XV, 1939.

Capítulo XIII - A educação científica

1. Claude Bernard: *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*, Delagrave, 1903; 2. Le Chatelier, H: *De la méthode dans les sciences expérimentales*, Dunod, 1935; 3. Spencer, H: *Education*, Appleton, Nova York, 1894.

Capítulo XIV - A educação para a vida

1. Dewey, John: *L'école et l'enfant*, Tradução Pidoux, introdução Ed. Claparède, Neuchatel, Delachaux Niestlé, 1922; 2. Id.: *Experience and education*, Macmillan, New York, 1939; 3. Id.: *Education today*, introdução de J. Ratner, Putman, New York, 1940; 4. Challenge to liberal thought, em *Fortune*, 1944; 5. Id.: *Art as experience*, New York, Minton, Bach, Co., 1934; 6. Id.: *Democracia e educação*, tradução Godofredo Rangel e Anísio Teixeira, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940; 7. Kerschensteiner: *El problema de la educación pública*, Madrid, *Revista de Pedagogía*, 1932; 8. Id.: *La enseñanza científico-natural*, Barcelona, Editorial Labor, 1930; 9. Luzuriaga, L.: *A escola única*, tradução Damasco Penna, São Paulo, Melhoramentos, 1934; 10. Mendes, R. Teixeira: *A mulher*, Rio de Janeiro, 1908; 11. Montessori, M.: *El método de la pedagogía científica*, Barcelona, Casa Editorial, Araluce, 1937; 12. Id.: *Les étapes de l'education*, D. Bruges, Bronuwer; Id.: 13. *L'enfant*, Paris, Bronuwer.

Capítulo XV - A educação no Brasil

1. Almeida Pires, J.R. *L'instruction publique au Brésil: Histoire et législation*, Rio de Janeiro, Leuzinger, 1889; 2. Azevedo, Moreira de: A instrução pública nos tempos coloniais do Brasil, em *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v.55, 2ª parte, 1892; 3. Barbosa, Rui: *Reforma do ensino secundário e superior, Parecer e projeto*: Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1882; 4. Id.: *Reforma do ensino primário. Parecer e projeto*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1883; 5. Campos, Souza E.: *Educação superior no Brasil*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1940; 6. Carvalho, A. Gontijo de: *Estadistas da República*, São Paulo, Revista dos Tribunais, 1940; 7. Leite, Serafim: *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa, 1939, 2v.; 8. Lourenço Filho: *Tendências da educação brasileira*, Melhoramentos, 1940; 9. Madureira, J. de: *A liberdade dos índios, a Companhia de Jesus, sua pedagogia e seus resultados*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional

1939, segundo volume, sexta parte I-III; 10. Moacir, Primitivo: *Instrução no império*, São Paulo, Editora Nacional, 1936-1937-1938, 3v.; 11. Moura, Américo de: Cinquentenário da Escola Normal da Capital em *Educação*, set. 1930; 12. Oliveira, M. Santos de: História da instrução pública em *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1922, t. I, capítulo XV; 13. Peixoto, Afrânio: Cem anos de ensino primário, em o *Livro do Centenário do Poder Legislativo*, Rio de Janeiro, Empresa Brasil Ltda; 14. Silveira, Carlos: História da instrução no Brasil em *Revista da Escola Normal Secundária de São Carlos*, n.4, ano II, junho de 1918 e n.5, ano II, dezembro de 1918; 15. Taunay, Afonso de: Primeiras Escolas do Brasil, Os jesuítas e o progresso cultural, Os jesuítas e o ensino colonial, em *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, setembro, de 1941, t. CXV, v. III. 16. Veríssimo de Matos, J.: A instrução e a imprensa no Brasil, em *Livro do Centenário*, v. I, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909, capítulo IV; 17: Id.: *Educação nacional*, Rio de Janeiro, 1906.

Recebido em abril de 2014
Aprovado em junho de 2014